

Helena Iriarte

o chamado
do silêncio

TORDSILHAS
Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

Sumário

AMOSTRA

I
II





Durou apenas um instante, mas ressoou no meio do meu peito como se a cordinha que sustenta o meu coração o deixasse cair e ao meu redor se tivessem feito em pedaços os vidros de todas as janelas enquanto uma voz me chamava com a urgência do repicar do sino; sem pensar e antes de entender o que estava acontecendo, olhei ao meu redor para saber se entrava ou saía de um sonho, ou de onde vinha essa multidão desconhecida que rompeu depois de tanto tempo a calma da minha casa; então, como quando eu era pequena e, ao anoitecer, procurava o esconderijo dos meus medos, tentei em vão encontrar a origem disso entre as primeiras luzes da aurora onde os objetos começaram a recuperar sua forma, no copo d'água quase vazio, no livro que ficou entreaberto sobre a manta, no cabide onde estava pendurada a bolsa; porém o ambiente estava calmo e apenas se ouvia silêncio.

Mas na minha alma tudo estava um caos e, como eu temia tropeçar até mesmo na minha própria sombra, sentei-me na cadeira de balanço e fechei os olhos para pensar ou tentar decifrar o que eram as milhares de palavras que flutuavam, enredando fragmentos de memórias que se espalhavam pelo ar, aproximavam-se e, à maneira dos sonhos, confundiam as imagens e os seus nomes; coloquei as mãos no canto e esperei que cessasse o estrondo, e, quando se tornou apenas um murmúrio que foi se desprendendo do ruído, reconheci a voz da minha velha amiga que de longe me pedia para cumprir o que eu havia prometido e me questionava por que, durante tantos anos, eu me recusei a aceitar e, portanto, a lembrar; então tive certeza de que seria inútil tapar os olhos como nessas

festas, para romper a pinhata. Fiquei tão confusa que me apressei a me olhar no espelho e confirmar que nada havia mudado, que ainda era eu mesma, aproximei-me dele até que a névoa dissipasse as bordas dos lábios que tremiam um pouco, ou talvez até que falassem comigo em segredo, e fiquei assim por muito tempo, aérea, e quando me dei conta disse em voz alta, quase gritando, para que o eco repetisse e se espalhasse de cômodo em cômodo até o solário, as sombras daqueles que já não estavam comigo, mas esperavam de longe e há anos para que ela pudesse sorrir porque eu começava a cumprir minha promessa; eu lhes disse que havia chegado a hora de dar meia-volta, de refazer os velhos caminhos que foram realmente o início da minha história, de reencontrá-lo; mas que direção tomar? Durante anos, quando estive sozinha, apenas ia à escola e voltava; passeava pelo parquinho com uma amiga e, quando ia às lojas comprar o que precisava, da janela do ônibus via as esquinas que não eram mais as mesmas, as ruas que se ampliavam e as casas antigas que haviam sido demolidas para erguer os grandes edifícios de uma cidade que se tornava cada vez mais estranha para mim.

E, ao me aproximar para contemplar o sol que já começava a despertar entre os morros, vi uma luz radiante e pareceu que eu estava olhando para ela pela primeira vez; encostei o nariz no vidro, como quando era criança, e novamente ouvi minha voz questionando, não sabia a quem:

— Por que você não me deixa ver o que há por trás das montanhas, lá onde o sol nasce?

Nunca ouvi a resposta, mas eu mesma expliquei:

— Os rios e, mais distante, o mar, que vai para o outro lado da terra, que é grande. Lá encontram o céu onde não

posso ir porque minhas asas de tule e papel dourado que minha avó fez para eu me vestir de anjo na procissão de maio estão quebradas.

Comecei a desenhar com cuidado o que imaginava e, para não me perder numa paisagem onde o céu e a terra se confundiam, tracei caminhos salpicados de seixos, para caminhar com segurança naquele labirinto que ia de um extremo a outro daquele mundo improvável; todos os dias estava repleto de animais e pássaros que ninguém conhecia e montanhas coroadas de neve muito branca.

Essas imagens me acompanharam nesse tempo passado tranquilamente; foram dias, semanas pelas quais eu saltava como se fossem amarelinhas e a casa era o paraíso onde, salvo uma doença ou outra, nenhum mal se aproximava, a ponto de a vovó acreditar que a morte havia nos esquecido desde que mamãe faleceu; então, para evitar que o infortúnio voltasse, nunca foi mencionada na família; porém, lentamente, ela penetrou alguma brecha, enquanto os mais velhos evitavam nomeá-la, e, antes que percebêssemos, ela levou consigo aqueles anos felizes, tecidos e enredados com histórias, viagens e projetos que mais tarde viraram jogos; vovô se foi em silêncio, como se tivesse atravessado o umbral na ponta dos pés. E, mais tarde, quando já começava a ficar parecido com seu velho, papai me deixou também, mas ainda há tempo para isso acontecer e mais ainda para a história da vovó acabar, quando ela já tinha mais de cem anos; ela precisava viver porque ficamos sozinhas e não queria me abandonar; ela só me deixou quando teve certeza de que poderia ir em paz.

E continuei morando nesta casa, que poderia acomodar uma família numerosa, porque não me sentiria bem em

outro lugar, longe desses recantos cheios de saudade, onde a música me acompanha até tarde da noite em meio à minha agitação com papéis, telas, pincéis e tubos coloridos. De vez em quando, escuto o ranger da madeira que reveste as paredes. Há muito tempo estou habituada às minhas noites tranquilas, sem horários, e às madrugadas em que regresso à vida com o barulho das crianças brincando e correndo, porque irão se atrasar para a escola, com os pássaros que vêm beber água e bicar as migalhas de pão que deixo todos os dias, e com o ambulante que passa vendendo aos gritos bilhetes da sorte que já não me interessam. Depois saio para dar minhas aulas, volto quase à noite e continuo trabalhando até bem tarde; desta forma cumpro parte da minha promessa, mas os dias passam como água com sabão que escorre pelos meus dedos e lava a sujeira, mas também a espuma branca.

Dessa forma lenta e monótona, o tempo passou até esta manhã, quando o vidro estalou, quando vi meu rosto no espelho, quando reconheci a voz dela, a voz da minha velha amiga me pedindo para cumprir o que havia prometido: aceitar que era verdade, que estou sozinha desde então, que ele não está mais comigo. Mas, embora eu possa repetir o que ela me disse, ainda preciso ir mais longe, tocar essa verdade com as mãos e voltar a viver e a recordar, que é a única maneira de escapar da morte.

Olhei as estantes cheias de livros, os objetos que pareciam aguardar o hábito de minhas mãos tirarem a poeira que não parava de cair, as paredes com os quadros que ele pintou ao retornar. Parei em frente ao quadro que não consegui terminar, porque não consigo encontrar a cor ou aquele brilho que tinha no seu olhar naqueles dias tristes,

quando estava prestes a partir. Então me aproximei temerosa e comecei a retirar a sujeira que encobria a fresta por onde tantas vezes tentei olhar e, quando espiei, a velha e desvencilhada porta da memória me deixou passar e me vi no meio de um espaço abarrotado de fragmentos dispersos que seria necessário ordenar um pouco, caso quisesse reconhecê-los; de coisas que um dia foram minhas: vestidos de festa que o tempo havia rasgado, a cadeira onde um dia me sentei para aguardar, as cortinas de chita que, meio rasgadas, deixavam a luz passar pelas rendas de crochê. Teria que restaurar as páginas onde prendia com alfinete as lembranças para não as perder; a algumas páginas faltava uma parte que deveria inventar, outras só tinham um poema ou a letra daquela música que perguntava e respondia ao mesmo tempo e eu comecei a cantar:

*De onde eu venho, amiga?
De uma casinha que tenho
abaixo do campo de trigo.*

Num canto encontrei o álbum, quase esquecido, onde papai colocava as fotos que tirou de mim desde que nasci e, nas últimas páginas, seguindo uma sequência arbitrária, apareciam pessoas, que não conheci, que talvez fizessem parte da história familiar que não cheguei a conhecer; muitas dessas fotos haviam se separado e restava apenas uma caixa vazia e amarelada, e, enquanto soprava a poeira, flutuavam no ar fragmentos de imagens, de cartas esquecidas, recortes de outra época e papéis manchados ou escritos com aquela tinta invisível que preparei para escrever meus segredos; o que parecia ter alguma importância se

misturava ao mais absurdo, como um buquê de rosas secas ainda cheias de espinhos; tudo se confundia, mas ainda era possível trazê-lo de volta à vida, como quando coloria as gravuras dos livros; talvez eu encontrasse aquela boneca que desapareceu, até mesmo da memória, depois que meu pai morreu.

Olhei para o relógio da sala quando badalou as horas e deixei para depois a intenção de organizar o que havia encontrado no sótão esquecido porque já estava ficando tarde e eu tinha que me apressar, ou não conseguiria chegar lá, então guardei na bolsa o pouco de que precisava, o mapa antigo que nos acompanhava naquelas viagens e as fotografias para me guiar no tempo e nos caminhos que deveria seguir; o que deixei para trás, exceto aquele canto, estava em ordem, escrevi um bilhete para Lucía para que ela soubesse que eu havia partido, tranquei a porta e corri para a estação, no momento em que o apito do trem anunciava a partida.

Eu mal conseguia respirar e meu coração acompanhava o trepidar da locomotiva; acomodei-me na janela e me inclinei para ver as mãos que acenavam para se despedir dos viajantes e, embora ninguém me conhecesse, comecei a acenar as minhas para me despedir e sorria para quem corria ao lado do trem até que se tornaram pequenos e não os pudesse ver mais. O trem passou rapidamente pelas últimas casas feias e meio caídas da periferia da cidade, mas logo o ar que movimentava as folhas de eucalipto clareou e meu olhar foi direcionado para detrás das plantações que começavam a florescer. Saindo das tristes cidades do cerrado, o vagão foi tomado por um cheiro verde e fresco de terra quente, o vento se transformava em uma brisa morna

que quebrava as folhas das bananeiras e eu não cansava de olhar, não sabia se para a menina que fui ou para a surpresa de vê-la novamente tentando colher as florzinhas brancas e vermelhas, que, apesar da fragilidade, ainda não haviam murchado e, se ela tivesse esticado os braços, teria conseguido tocá-las da janela do trem.

O cobrador, com o uniforme já meio amassado, veio me pedir a passagem e, enquanto esperava, conversando com outros passageiros, consegui tirá-la da bolsa; estava amarelada e com as bordas dobradas, mas intacta porque a guardei durante anos dentro de um caderno onde escrevia frases tiradas de livros, tentativas de poemas, cartas quase rasgadas pela dobra e a receita de uma sobremesa que nunca consegui fazer; o homem sorriu e me disse algo que não consegui entender e, como se já me conhecesse, desejou-me uma boa viagem, equilibrando-se pelo vagão, e pensei, com certa nostalgia, que nunca mais nos veríamos.

O trem passou lentamente pelos galhos grossos e parou nas estações de algumas pequenas cidades que conheci e, quando saiu da trilha estreita, começou a correr pela planície que se estendia até as montanhas borradas pelo calor da terra quente e onde eu queria subir, quando criança, para comprovar que eram azuis e não verdes ou marrons, como a professora de geografia nos ensinou. Isso foi há muito tempo, mas depois, quando ele me ensinou a olhar, entendi que a cor delas era a que meus olhos viam e, mais ainda, a que eu queria ver; só que agora o que me interessou foi o rio que corre no cânion, serpenteia e gira pelo vale como se tivesse se perdido até que, bem expandido, passa pelo porto. Mas, de repente, enquanto divagava, e sem qualquer aviso, o trem parou; não havia cidade, nem

mulheres vendendo frutas, e eu mal conseguia ouvir vozes explicando que os trilhos haviam afundado, ou enferrujaram e estavam cobertos de grama e flores amarelas, e outros perguntando para onde tinha ido a velha locomotiva e sua fileira de vagões que só voltaram a funcionar para eu fazer esta viagem.

Levantei-me para ver o que estava acontecendo, mas o vagão em que me encontrava estava vazio e o maquinista me explicou que aquele tempo havia acabado e ele, embora estivesse cansado, teria que procurar outro emprego. Senti pena e ficamos em silêncio por um momento porque não havia mais palavras; nós apenas apertamos as mãos e com um sorriso contido eu lhe disse:

— Se Deus quiser, nos veremos novamente.

Caminhei lentamente pelo corredor, acariciando o couro das costas dos assentos, um tanto gasto, e me sentei no estribo do trem que nunca mais se moverá.

E agora não sei bem onde procurar o que se perdeu após tantos anos em que desejei não olhar para trás; também não conheço o caminho que leva à nascente onde surgem os rios. Só me resta repetir a fórmula mágica que um dia aprendi para encontrar o que estava escondido em algum canto da casa ou num reduto da memória: feche os olhos, cruze as mãos sobre a cabeça, peça a São Bento e aguarde.

Mas às vezes, sem a ajuda do santo, as lembranças saem do esconderijo e começam a deslizar como um rastro de areia; foi assim na época em que a vovó tirou uma caixa de papelão do meio de uma pilha de coisas velhas e, quando a vi, parecia que o tempo havia mudado, dias regressaram e eu me vi como uma menina, quando meu pai me deixava ver os negativos e as quinquilharias brilhantes

no quarto escuro. E voltei na ponta dos pés para tentar descobrir o segredo escondido nas mãos do papai que, ao ficarem submersas na água dos baldes, tirava de lá nossos retratos. Maravilhada, sentei-me na poltrona para ouvir, com os olhos arregalados, a explicação de cada etapa do processo que nunca compreendi muito bem, talvez porque preferisse acreditar que se tratava de um ofício de magia, para o qual só ele tinha a fórmula.

Sopra somente uma brisa fina, em que o assobio de um pássaro ou o voo de um inseto se agita; não se ouve mais nada, mas mesmo que eu precise esperar, talvez retorne àquele dia ou a qualquer outro, então poderei ver daquela distância o que estávamos fazendo naquele momento; é uma tarde qualquer, estava claro e como já havia terminado a lição de casa, saí correndo para brincar com meus amigos no quarteirão. E agora, ao rever aquele dia já perdido, parece-me que está envolto em uma alegria que naquela época eu não poderia compreender; vou ficar aqui esperando sem falar nada; talvez eu consiga ouvir as risadas, as palavras e os gritos e, como ninguém mais me espera, posso continuar olhando para longe até onde o sol alcança, enquanto os cervos deslocam-se antes que escureça.

E, de repente, no meio do entardecer, como se fugisse do silêncio, um rumor surge de longe e se transforma em palavras que, assim que externadas, já ecoam, vêm e vão com o ar. Saltam sobre as mais curtas que se alongam no final e se desfazem; estreito os olhos para ouvir melhor e começo a repetir, com um misto de riso e nostalgia, a letra daquelas músicas cujos versos pareciam entrelaçados ao acaso:

— Prato de ouro, ourela de vidro, tira, tira, da porta principal.

Imagens sem coerência, unidas apenas pelo ritmo; e enquanto repetíamos a música estávamos girando e girando em torno do nada:

— Quem é essa gente que perambula por aí, que não nos deixa dormir nem de dia nem de noite? — E vozes responderam: — Somos os alunos que vêm estudar na capelinha da Virgem do Pilar.

Nunca me perguntei o significado daquelas palavras que irrompiam com a melodia, como uma oração ao anjo da guarda.

Ocorre que naqueles dias gritávamos tanto que o som atravessou anos e espaços para chegar até mim agora que estou chorando sem saber por quê; talvez porque me lembre daquela época em que tudo virava riso, como a farinha que, ao ser amassada, enchia o ar da casa de um aroma denso e depois saía do forno em forma de biscoitos que eu secretamente tirava dos potes onde minha avó os guardava e só de evocar seu nome eu a via vindo me dizer que a vigília noturna poderia me fazer mal e que era hora de entrar em casa.

Mas é tão estranho vê-la por perto que tento alcançá-la, ouvir novamente suas palavras quando me oferecia um doce na tentativa de me confortar e enxugava minhas lágrimas e limpava o muco com o seu lençinho branco, que ainda carrego comigo. Mas não posso mais porque já entrou em casa e a porta está fechada; então fico olhando aquelas tardes em que ela me ajudava com a lição e eu repetia mil vezes tópicos como a independência ou o catecismo ou a tabuada dos nove, que era a mais difícil de

memorizar; não sei se os dias daquela menina que fui passaram rápido ou eram apenas um povoado de seres fantásticos que não cansei de inventar e que foram parar naquele navio. E, no entanto, o tempo antigo regressa, aquele que se arrastava lentamente quando se aproximava o Natal ou a data do meu aniversário que parecia nunca chegar.

E agora, sentada neste velho vagão, posso pausar um daqueles dias que passaram tão rápido e que depois pensei com saudade sobre ser melhor continuar com a ilusão de esperar por ele; mas agora posso prolongar aquela noite da minha festa, olhar o vestido, sentir a textura do tecido novo, tocar nas florzinhas que a vovó colocou no corpete, virar devagar e descer as escadas, e não pelo corrimão como eu fiz por semanas na adolescência, e ouvir a música que já está tocando e cantarolei repetidas vezes; a sala está iluminada e tudo é risada e eu fico girando como naquela história das princesas que todas as noites escapavam para dançar no bosque até a sola dos sapatos se gastar.

Enquanto viro o galho com que estou retirando e aplainando a terra, as formigas que andam em fila, carregadas de pedaços de folhas, desaparecem num buraco e só fica o caminho marcado pelas pegadas; o silêncio me entristece e me sinto só, mas não consigo mais voltar, então aperto os olhos para enxugar as lágrimas, para não ver nada porque aqui só tem barracos, alguns arbustos secos e o tempo parou, talvez devido ao silêncio que cessou repentinamente; algo semelhante ao som de um fio d'água escorrendo entre pedras me faz levantar o rosto e me parece que há um caminho, mas é pedregoso e não me movo porque não sou mais aquela garota que corria entre as pedras, confiante